A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 22 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 3 de Julho de 1924

Composição e impressão: «MINERVA RIBEIRO» — RUA DE GIL VICENTE, 34 — Guimarães

PELA POTÍTICA

Foi assim que *Dório* — belo colaborador de «A Razão» pela excelencia dos seus escritos — intitulou o seu ultimo artigo. Li-o primeira, li-o segunda vez a esse exemplo de sensatez aliada ao mais puro sentimento de patriotismo. E tão serenas, tão sinceras foram essas palavras que os meus olhos repassaram, que não posso calar a minha tristeza e o meu desgosto.

Há vinte e quatro meses aproximadamente que, como todos os bons portugueses, sonhei para a terra natal um futuro feliz. Esperança perdida, porém! Dois anos passados, apenas, tão perto ainda desse glorioso dia 17 de Junho de 1922, talhado pela Providencia para enfileirar ao lado das mais fulgurantes datas da nossa história incomparavel, e já nós, filhos da mais formosa terra, nos quedamos embevecidos na admiração de outros três portugueses que, saltando montes e vales, galgando mares, afrontando raios e ventos, lá para as bandas do Oriente afirmam como vivida a audácia, o valor e o sangue frio deste povo imortal e sempre sedento de glória! As azas de Portugal, são bem as puras descendentes das triunfantes velas lusas que insufladas de vento abriram rotas, sulcando mares ignorados e temidos por tempestuosos. Ei-las as azas brancas, brancas como as velas, abrindo-se de par em par, ora rasgando em vertigem os ares Atlanticos para ao Brazil levarem o fraterno amplexo de Portugal, ora atravessando camadas ardentes ou frigidas, tempestades ou bonanças, numa velocidade de pasmo, ávidas de alcançarem o Oriente, para levarem aos confins da Pátria Portuguesa o beijo maternal!

Mas, tal como o moribundo sentindo as enganadoras melhoras da Morte, o povo português sente só por momentos atravessar-lhe as veias um pouco daquele sangue irrequieto que o tornou imortal. Após o minuto entusiasta, depois do instante em que a Raça vibra, e sente e vive, logo o estado mórbido, a insensibilidade, volta de si a apoderar-se.

Nem os gestos magnificos de patriotismo, nem os soberbos rasgos de valentia, nem os arrancos sublimes de audacia, são já bastantes para chamarem á realidade o velho Portugal!...

E porquê? Porque a politica se fixou e vegetou e criou raizes tais, que não arreda é deste malfadado país. Persegue-nos o nojo, progride em nós a repugnancia por tudo o que se vem passando e já de há muito que com mágua intensa, eu vejo e pressinto com fim desastroso, a inconsciencia de quasi todos aqueles que o povo levou ao seio da sua representação para lhe dirigir os destinos. Conscio de que elegia alguem que dos seus interesses trataria, este povo paciente e sofredor, vê como recompensa do seu acto apenas o escárneo, o desleixo e o negocio. Não é actualmente o meio parlamentar representante da consciencia popular, porque tão sómente defende o interesse da facção partidária. O que presenceamos? Insensatez, desvergonha!... Miseria moral e interesses mesquinhos!... E isto em toda a parte, em todos os cantos!... Um quadro tão sombrio, esse que para aí se nos depara, de linhas tremidas e incertas, mostrando-nos um tão grande excesso de hesitação, que nós, todos aqueles que dedicamos ainda ao torrão pátrio algum desinteressado afecto, algum respeito e alguma recordação do seu passado inapagavel e glorioso, sentimos orvalharem-se-nos os olhos de lagrimas — lagrimas dolorosas de amargura.

Politica! Politica! Turbilhão danificante, tufão assolador que tens arrastado para a ruina esta pobre Pátria! E' que na politica «entra-se com convicções e sai-se com interesses», disse-o um dia o literato francês Melchior de Vogüe. Eis porque me não seduz a politica, eis porque jamais ingressarei em partidos, que se coloquem acima da Pátria. Eu quero pertencer apenas ao grupo de portugueses que pretende fazer ressurgir a nacionalidade. E ha-de ser do monturo actual, desta montanha de ignominia, que a Pátria ha-de edificar-se novamente. O presente envergonha!... E a revolta virá por certo um dia. Não a revolta faccio-sa, partidarista, mas a revolta dos patriotas que assistem com desespêro ao desmembrar da nacionalidade, ao fenecer dum povo que ao mundo trouxe, e traz ainda, luz ás mais escuras veredas, claridade ás mais tenebrosas sendas.

Mas se subjugardes esses revoltados, se vencerdes — oh escarnecedores da inocencia popular, oh gênios subtis que pretendeis ocultar Portugal sob a lama, depois de sugeito ao vosso martirio — se vencerdes, será com orgulho que, na hora ultima, ao lançarem-vos a sua maldição, todos os patriotas gritarão: — «Vingar rapazes, fartar vilanagem!»

Então podereis sugar, beber a derradeira gota de sangue da vitima que, debatendo-se nos ultimos estertores, teve a suprema desdita de vos cair nas mãos.

XERXES.

Veneno oculto

Peçonha?!...

«Francamente, ás vezes o ladrão embarrita a gente»!...

— Perda?!... Barriga dorida?!... Preceitos?!... Politica?! Moralidade ou leilão?!...

Não o sabemos.

Sempre o veneno oculto! Sempre a mesma guerra de sapa!

Antes o ladrão que, no meio de um caminho, nos assalta de punhal em riste ou de clavina aperrada;

Antes a fera bramindo de esfomeada, descendo do alto das montanhas e reclamando a nossa carne, aos encapotados, aos covardes e interesseiros.

Dinheiro! Dinheiro, muito Dinheiro! Roubado?!... que importa, se o caracter é coisa que não existe, se a seriedade é sinónimo de locupletamento!...

Por um casino monstro, venda-se a honra, porque isso é de somenos importancia; abanda lhe-se a dignidade e o chinfrim que der — caramba! — confundir-se-á com os vivas á Republica e á Democracia...

Não. Não, mil vezes não.

Ainda há quem desmascare os tartufos, quem liquide êsses cafres que tentam, pela noite, enlamear um regimen.

Enganam-se os que procuram fazer da Republica «um paraiso por acções».

Iludem-se os que, para servirem interesses particulares, lançam aos olhos da sociedade a poeira da sua crença, quer politica, quer religiosa.

Partilhas?... Bôlo na algibeira?... Isso mais a modo. Devagar, devagar. Escusado será a intriga, pôr em cheque a honorabilidade de quem é probo e digno, servir-se da difamação para *levar a agua ao vosso moinho*.

Alguem vos espreita e vos mede os passos.

Dinheiro?...

Mas qual o destino desses avultados contos que, há dois anos, vindes recebendo?!

Em que foram empregados, quais os actos de beneficencia praticados e quais as obras feitas para utilidade publica?!...

Mais?!...

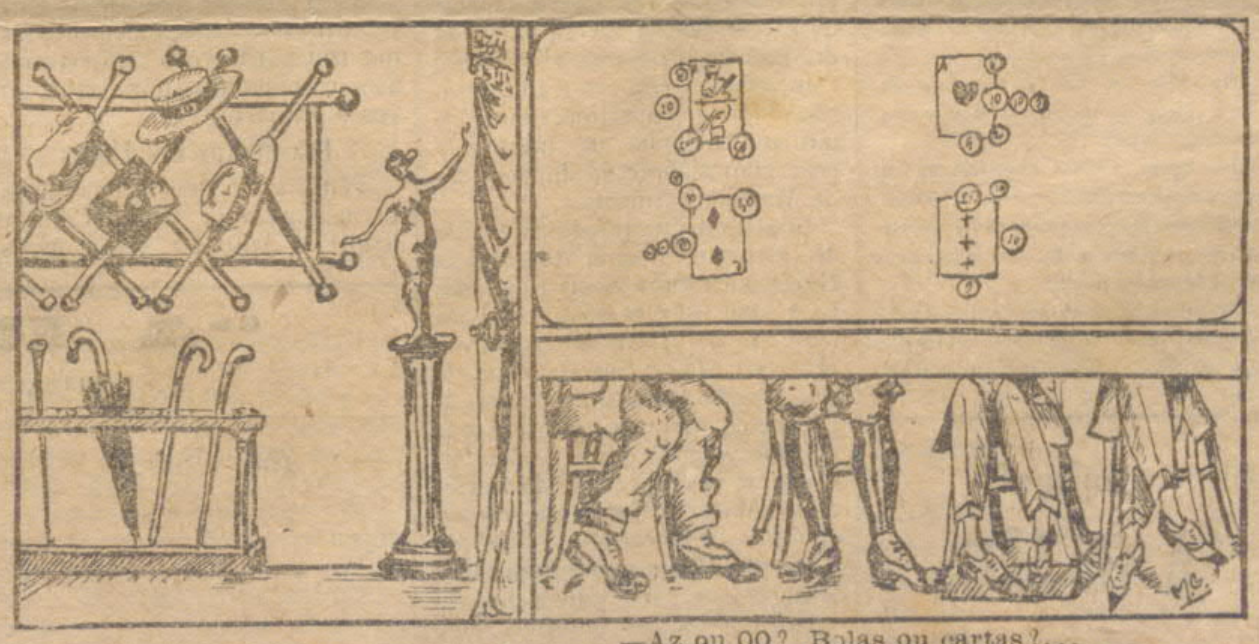
Basta. Ele não é só dizer: — «Snr. Administrador: Sirva V. Ex.ª de intermediário e receba o dinheiro do jôgo destinado á Beneficencia, para se distribuir pelos lesados com as eleições».

E S. Ex.ª, que se não banquetisa com semelhantes corvos, é apodado de mau republicano, de fazer politica monárquica, êle que tem feito politica essencialmente republicana, acolhendo, como bom republicano que é, todos aqueles que se lhe dirigem e que lhe pedem o justo e o razoavel.

Mas mais: Não tendo S. Ex.ª consentido que se abra o jôgo em Vizela, toca a ir de abalada até ao Govêrno Civil e, com manhas de raposa, não conseguidos os seus fins, vá de espalhar-se o boato de que havia sido demitido telegráficamente, abocanhando-o e atemorisando-o, com o único fim de o desgostar e de o arredar do cargo que ocupa, para terem o campo livre á custa da sua fraquesa.

Snr. Delegado do Govêrno: Firme-se e faça cumprir a lei. Deixe-os morder de raiva. Ande ligeiro. Ao veneno oculto, zurza-o e amolgue-o com pontapés no rabo.

L. C.



— Az ou 00? Bolas ou cartas?... Tout la même chose.

Por ocasião das Feiras Francas de S. Gualter

A Condecoração

da Bandeira de Infantaria 20

Realizou-se na ultima quinta-feira uma reunião na Associação Comercial, a que assistiram quasi todos os membros das comissões nomeadas para tratar das festas a realizar por ocasião da condecoração da Bandeira do Regimento de Infantaria n.º 20.

Definitivamente resolvido: 1.º — que as festas fossem levadas a efeito durante a feira de S. Gualter, nos dias 3 e 4 de Agosto; 2.º — que uma comissão, que foi nomeada naquela reunião, fôsse junto do ilustre Chefe de Estado convidar S. Ex.ª a assistir a estas festas, que se realizarão com todo o brilhantismo.

— Na sexta-feira ultima dirigiram-se ás Caldas das Taipas os Ex.mos Srs. Comandante do Regimento, Capitão Duarte Fraga, João Rodrigues Loureiro e Heitor da Silva Campos para tratarem da instalação de S. Ex.ª, o Sr. Presidente da Republica, que parece será instalado naquelas Caldas, ante a impossibilidade de o poder ser nesta cidade.

Do resultado colhido por estas entidades, daremos conta no proximo numero, constando-nos que se preparam surprezas.

— A comissão angariadora de donativos, pede a todos os Ex.mos Subscritores que ainda não satisfizeram as suas quotas, o obsequio de o fazerem com a urgencia possivel quando para tal sejam procurados pelo encarregado da respectiva cobrança.

Instrução Primária

Saiu esta secção em o n.º anterior com algumas gralhas. As principais são: 1 a 10 de Julho em vez de *1 a 20 de Julho*, realização das provas da 4.ª classe. Polina em vez de *polma* — trabalhos manuais. Consta, em vez de *constam*.

— Não veio ainda ordem de pagamento do ordenado do mês de Maio, apesar de estar o de Junho já vencido. Não se justifica de modo algum êste desleixo, que está causando sérios prejuisos aos interessados.

— Têem dado entrada na Inspecção Escolar bastantes nomes de alunos que desejam prestar as provas das classes 4.ª e 5.ª, especialmente das escolas do concelho de Fafe.

PELA ARTE

Ainda o esbulhamento da igreja de Santa Clara

Já em o nosso jornal, pela voz autorizada do artista vimaranense, senhor José de Pina, gritamos contra a maneira como se fez o esbulhamento dos valores artisticos da igreja de *Santa Clara*. Hoje, fazemo-lo de novo, e pela pena brilhantissima do Ex.mo Sr. Dr. Joaquim Costa, distinto poeta, escritor e publicista.

Embora transcrito com a devida vénia do «Jornal de Noticias», da cidade do Porto, achamos oportuna a sua publicação, porque representa um protesto justo—a justiça que nos assiste.

. . . . . .

A igreja das Claristas é um velho monumento, cheio de tradições; e, se não é dos mais antigos, nem dos mais valiosos de Guimarães, tem contudo o valor moral bastante para que não haja o direito de lhe tocar. As preciosas talhas que o decoram, e que, pela tirania da arrematação, têm de ser dali rapidamente arrancadas, vão perder imenso da sua beleza. Os ferros duros entrarão a desbastar as imaginosas e floridas grinaldas, as delicadas molduras, as colunas esbeltas, raspando os dourados imponentes, e fazendo ruir em cavacos todo o conjunto harmonioso.

A alma do artista que concebeu aquela maravilha e pacientemente a realizou já não pode defendê-la da irreverência impiedosa; e, no recinto, perfumado incenso das novenas e do aroma das flores, no ambiente, habitado ainda pela comoção religiosa das velhas freiras, pensa alguem em erguer os trapésios e as barras fixas de um ginásio, para jogos de destreza.

E eu pergunto a mim mesmo, pondo de parte o pensamento religioso que inspirou o velho monumento e com o respeito que, como cidadão, devo á lei, se atentados destes podem defender-se e se factos desta ordem não constituem um formidavel insulto á dignidade moral, á delicadeza emotiva, aos principios da consciencia e da honra civica, que não podem ofender-se impunemente, sem afectar, na sua essência, a propria estrutura social que é formada por todos esses elementos de coesão e de equilibrio!

Para que formamos e sustentamos escolas de artistas e de estetas, se consentimos que se reduza a escombros e se pague por uma soma irrisória um templo de arte, profanado pelo pregão e o martelo dum leiloeiro?

Acuda-se a esta catastrofe, enquanto é tempo! Eu não apelo senão para as consciencias honradas e para as inteligências esclarecidas do meu país, para que juntem a sua voz á minha, e evitem esta monstruosidade.

. . . . . .

Celso (Dr. Joaquim Costa)

Hora alta da Pátria

(Ao Diamantino Leite)

Vividas longas horas de anciedade, a hora alta da Pátria chegou com o alvorecer do dia vinte e um!

Hora sublime e grandiosa, tecida de lágrimas e de Saudade, de heroismo e de aventura, de abnegação e de amor — benção dulcissima de Deus (!) —essa hora subida de grandesa é bem a irmã gêmea daquelas outras que, iniciadas em Guimarães, «co'o sangue proprio da intestina guerra», se sentiram em todos os séculos e em todas as épocas e se fizeram ouvir nas cinco partes do mundo, dando cabo do invejoso e velho aforismo:

«que são para mandados,
mais que para mandar, os Portugueses».

Hora de belesa e de epopeia, luz feita poalha d'oiro, harmonia de exaltação ritmica, esta hora de recordação e de meditação é aquela mesma que, nos campos de Tarifa, desbarata totalmente o poder ao Granaldil e que, «alteradas então do reino as gentes» com a ignobil pretensão de Castela — desejos de uma mulher (!) —faz rei o Mestre de Aviz e seu condestavel o *fero Nuno*; é aquela mesma que assegura e firma mais a independencia da Pátria nos campos de Valverde e Aljubarrota; que nos dá um rei-conselheiro, um infante Santo e um infante de Sagres; a hora nostálgica do *ingente esforço* das descobertas; dos Zaires, dos Dias, dos Gamas, dos Cabrais, dos Castros e dos Albuquerques; aquela mesma que foi cativeiro encantado em Alcacer-Kibir e ressurreição em 1640; a hora das victorias, de Montes Claras, Bussaco, Marracuene, Chaimite, Naulila, Cuanhama e Flandres; aquela mesma hora que, num amplexo de pai para filho, traçou a soberba trajectoria do Tejo ao Guanabara; é a hora-sonho do «Portugal», conduzido a longinquas paragens por Pais, Beires e Gouveia; a hora cristalina das magias indianas, das misticas orações, das rondas guerreiras e dos vôos alados...

Finalmente, a hora alta da Pátria transformada em verdadeiro som: retinir de espadas, marulho de águas oceánicas a beijar as prôas agudas das caravelas, troar de canhões e rufar de azas...

SIUL.

Guimarães, 30 | 6 | 924.

ECOS

Vandalismo

Ali no jardim público. Dia a dia vão desaparecendo as prechas dos bancos. Como?

Ignoramos. O que revelam estes actos, o que traduzem e o que representam, de todos já é sabido. Muito vandalismo e muita malvadez.

E o snr. vereador dos jardins e arvoredos? Que providencias tem tomado?

—A avaliar pelos outros, excluindo o snr. vereador das Aguas, nenhumas providencias se tomarão.

Eles e Elas...

Não é o livro de Julio Dantas, creiam São «elas» a mandar n'«Eles», e «Eles» a obedecerem-lhes como cordeiros.

«Dernier cri de la mode»! Communismo feminino em acção.

Que «Elas» se fazem para «Eles» depois de, é claro, indagarem se são papos-secos, já nós sabiamos;

Que «Elas» lhes batem muitas vezes o pé e os não deixam sair de casa, á noite, tambem já não é novidade;

Que «Elas» os obrigam a rezar o terço e a irem ás missinhas e novenas, quem não o sabe?

Mas agora, «Elas» coagirem na sua maneira de pensar e obrigá-los, a «Eles», a praticarem actos improprios de homens educados, a ponto de fazerem autenticas figuras de ursos, isso!!!...

—Menino: Alfinetaram-te no jornal? O' creada, leva-o á Redacção e dize-lhe que o snr. F... não o quer assinar mais.

Lêde e propagai

"A RAZÃO,,

semanário republicano.

CRONICAS DA VIDA

Moral... imoral

Há quem vá ás nuvens por causa da jogatina ser desenfreada e... protegida? Meninos! Cara alegre, vista grossa, ouvidos moucos. Que importa que a batota seja um veneno, uma desmoralisação?!... Demais a mais «êles» não chamam lá ninguém! Vai quem quer e joga quem quer... Pois claro!... Que será dos pobres, da beneficencia publica, enfim, se amanhã fôrem rigorosamente fechados á depravação miseravel os antros imundos da ruina moral e social de uma sociedade que veste uma casaca para ir á igreja ou a um entêrro e, á noite, troca o fato para que a não confundam e para melhor empareeirar com os «donos» da banca! Se até as mulheres já jogam, fumam e tocam guitarra, tão bem... tão bem que os «pontos», esquecidos dos seus deveres de pai, marido, ou irmão, médico, advogado ou empregado público, padre, ou operário, perdem, mas com prazer, o seu dinheiro... quando não é dos outros. Uma «vaca»... Sim. 200 mil reis... é pouco... 500... 500 mil reis... está aí o fim do mês...

. . . . . .

Começa a ser dia. São horas de «recolher». Cada qual toma o seu caminho.

. . . . . .

Desgraçadas Mães! Pobres filhos!... E tu, ó Beneficencia Pública, continuas a arrastar o manto executando da Miséria! E' o teu Remorso!... Remorso... Sim! São as lágrimas benditas das infelizes Mulheres, o seu Sossêgo, o pão das crianças, dos seus filhos. Devolve a «esmola» da Batota, porque ela é um Insulto á Virtude e ao teu nome! Dá o braço á Caridade dos BONS e dos JUSTOS. O resto é lama e é podridão.

AFONSO FRANÇA.

Como êles se vingam

Certas criaturas doloridas todas se abespinham quando se lhes lembra, neste jornal, o cumprimento dos seus elementares deveres civicos. E vá de devolver o jornal muito anchos de vingança, e impantes de satisfação própria e da familia, e da sopeira, e dos cãesinhos e dos gatinhos, julgando por isso que o prejuiso material nos fará esquecer o dever moral.

Pois enganam-se e o jornal fica e... continua. Continuará pelo menos como êsses senhores continuarão a receber a papa do orçamento que o regimen lhes não nega, a êles que acima de tudo odeiam o regimen e o procuram enxovalhar com assomos de má educação, de desrespeito, etc. e tal ó coisas...

Pelo menos é o que se vê quando lhes sôa nos monárquicos ouvidos o republicano hino nacional.

Que grandes *pandêgos*!

Santa Clara,

o sr. A. L. e a Sociedade M. Sarmento

O *ra-ta-plam* de tôdas as boas iniciativas e o arauto *indiscreto* de todas as *tratantadas* que se fazem, o sr. A. L. de Carvalho, baseado num artigo de «Celso», publica em o «Gil» uma espécie de escrito-defesa acerca da venda do recheio de Santa Clara que, francamente, embora traduza um bocadinho de bairrismo, é também um poucochinho de ingratidão para com a Direcção da Sociedade Martins Sarmento.

Sua Ex.ª que por favor tratou do assunto em uma Assembleia Geral da mesma Sociedade; Sua Ex.ª que (dizem-nos) colabora também por favor no «Janeiro», «Ecos» e «Gil»; Sua Ex.ª que foi acusado de ser o unico responsavel pelos atentados de lesa-arte que êle proprio quizera salientar, ao atirar se á Direcção da Sociedade Martins Sarmento, esqueceu-se... esqueceu-se... de que a **ingratidão** é uma má pecha e lembrou-se... lembrou-se do *eclesiastico principio filosófico*: «não digas tanto bem que não possas dizer mal, nem digas tanto mal que não possas dizer bem».

Filosofia da mais pura, pode a gente estar de bem com Deus e com o Diabo, não acham?

E' continuar a dar-lhe confiança... Depois, queixem-se...

Instrução Primária

Depois de composta a noticia que sob esta mesma epigrafe publicamos noutro lugar, soubemos que chegou a fôlha de Maio á Tesouraria, efectuando-se o pagamento logo que haja dinheiro.

Foi requisitado.

Os Mistérios de Guimarães

Quem roubou?

Continua o Agente da Judiciária a proceder ás investigações do *desvio* dos titulos que (um ano e tal decorrido!) á Santa Casa da Misericordia pertencem.

Segundo nos dizem, já se fez um bocadinho de luz, muito fraca ainda, mas que poderá servir ainda para alumiar o caminho que ha-de fazer luz no espirito do agente.

A pista... levará muito tempo a alcançar?

*

?

Vai uma celeuma dos diabos a respeito das tais partilhas da grossa maquia de Vizela.

Agora já dizem que se trata apenas da demissão de 2 regedores... estais a vêr, ó gentes?

Se calhar, para o próximo numero temos de registar mais duas novas nomeações.

O' cúmulo da intrujice!

Crónica Sportiva

Desafios de Foot-Ball

«Vitória contra Gaia»

No passado dia 15 jogaram, no Campo José Minotes, o «Vitória Sport Club», desta cidade, e o «Foot-Ball Club de Gaia».

Tarde de ardentissimo sol, pouco interesse despertou o jogo. Terminou pela vitória do grupo vimaranense por 4 a 2. A arbitragem de Gervasio, de Guimarães, menos má.

* * *

Vitória contra Nun'Alvares

Domingo, 22, realizou-se o desafio de força entre os 1.os grupos do «Vitória Sport Club» e o «Nun'Alvares», da cidade do Porto. Um dos bons encontros da época. O «Vitória», apesar de ter vento contra na 1.ª parte e de jogar com elementos de 2.ª, desenvolveu bom jôgo de associação, o que lhe valeu ter superioridade sôbre o adversário, principalmente na 2.ª parte, que o engarrafou quasi sempre.

—A's 18,5 foi iniciada a primeira parte que terminou com um empate de um a um.

No 2.º tempo, iniciado ás 19,7, o «Nun'Alvares» conseguiu marcar um ponto e o «Vitória» mais três e rematados por Artur, Aires e Evaristo.

Constituição das Linhas

«Vitória»:—Gervasio; Augusto e Evaristo; Mota, Campos (cap.) e Antonio; Artur, Aires, Morais, Castro e Mendes Martins.

«Nun'Alvares»:—Raul; Cardoso e Falcão (cap.); Castro, A. Mesquita, Borges; Osorio, Gonçalo, Teixeira, R. Machado e Sousa Júnior.

—Os melhores da tarde foram os meias-defesas do «Vitória», Mota e Antonio, que trabalharam incansavelmente. Augusto, Campos, Artur e Gervasio, bons.

—Há a salientar que o primeiro *goal* a favor do «Nun'Alvares» foi originado pela marcação de um *penalty* e o 2.º em um descarado off-side.

—A meia ponta direita e Falcão, do grupo tripeiro, mostraram-se conhecedores e correctos.

—A arbitragem, confiada a Silva, de Braga, foi regular.

Siul.

AGENCIA DO

Banco de Portugal

Dividendo

Está em pagamento o dividendo das acções deste Banco, relativo ao 1.º semestre de 1924, á razão de Esc. 7$00, cativo dos seguintes impostos:

Imposto aplicação de capitais — Esc. $89 por acção.

Selo de averbamento (para as acções nominativas) — Esc. $20 por acção.

Contribuição de Registo (para as acções ao portador) — Esc. $98 por acção.

Pela Agencia do Banco de Portugal em Guimarães

Os Agentes,

Heitor S. Campos.

Antão de Lencastre.

Arrematação

(2.ª Publicação)

No dia 13 do próximo mês de Julho, por dôze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, situado na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, ha de proceder-se, em hasta publica, á venda dos prédios abaixo mencionados, em consequência de deliberação do conselho de familia no inventário orfanológico que se processa neste Juizo por óbito de Manuel Vitorino da Silva Guimarães, casado que foi com a inventariante D. Leocadia Malheiros Guimarães, tambem conhecida por D. Leocadia Maria da Conceição, do Largo da Oliveira, desta cidade, prédios que serão entregues pelo maior lanço que obtiverem acima dos valores ao diante declarados, ficando por conta dos arrematantes, além das despesas da praça, toda a contribuição de registo por titulo oneroso; a saber:

—Uma morada de casas de três andares, situada com os numeros de policia 14 a 20, no no Largo da Oliveira, desta cidade, a qual está compreendida no prédio descrito na Conservatoria sob o n.º 1103, a fls. 181 v.º do Livro B 7 e entra na praça pela quantia de 15.000$00.

—Outra morada de casas de um andar, situada com o n.º 28 de policia na Praça de S. Tiago, freguesia da Oliveira, desta cidade. E' o prédio descrito na Conservatoria sob o n.º 6215, a fls. 144 v.º do Livro B 22 e entra em praça pela quantia de 3.000$00.

Guimarães, 21 de Junho de 1924.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

O escrivão do 2.º oficio,

Serafim José Pereira Rodrigues.

"A Razão,,

Semanário Republicano

Ex.mo Snr.